

CULTURA DO CANCELAMENTO, CANCEL CULTURE E CULTURA DE LA CANCELACIÓN: O ESTADO DA ARTE NAS CIÊNCIAS HUMANAS

*CANCEL CULTURE, CULTURA DO CANCELAMENTO AND CULTURA DE LA CANCELACIÓN:
THE STATE OF THE ART IN THE HUMAN SCIENCES*

*CULTURA DE LA CANCELACIÓN, CANCEL CULTURE Y CULTURA DO CANCELAMENTO:
EL ESTADO DEL ARTE EN LAS CIENCIAS HUMANAS*

**KAIQUE MANCOSO¹
WANIA CALDAS²
DIOGENES LYCARIÃO³**

Submissão: 09/06/2023
Aprovação: 11/09/2023
Publicação: 03/11/2023

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Política, Opinião Pública e Comunicação (GRUPPOCOM).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9924-0340> – E-mail: kaique.mancoso@gmail.com

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Política, Opinião Pública e Comunicação (GRUPPOCOM).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0769-3810> – E-mail: waniacaldas@gmail.com

³ Doutorou-se pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 2014. É Professor Permanente do PPGCOM/UFC desde 2016.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8924-7442> – E-mail: lycario-d@ufc.br

RESUMO

Neste artigo, nos propomos a responder a seguinte questão de pesquisa: como a Cultura do Cancelamento (CC) nas redes sociais digitais vem sendo pesquisada pela comunidade acadêmico-científica, dentro das Ciências Humanas? Foi, então, realizada uma revisão sistemática de literatura, combinada com análise de conteúdo, em 24 artigos. Os resultados demonstram que a CC começou a ser estudada a partir de 2020 e que o Brasil e os EUA são os que mais produzem pesquisas a respeito desse tema, com 8 artigos cada. Dados mostram que a maioria dos trabalhos (54%) não possuem como *corpus* Eventos Específicos de Cancelamento (EVC) e, portanto, têm uma abordagem mais teórica. Os países EUA, Canadá e Brasil (33%) são os principais palcos de EVCs. As figuras públicas são as mais estudadas (28%). O Twitter apareceu como a principal plataforma para fonte de dados (28%).

PALAVRAS-CHAVE: Cultura do Cancelamento. Revisão Sistemática de Literatura. Redes Sociais. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

In this article, we propose to answer the following research question: how has the Cancel Culture (CC) in digital social networks been researched by the academic-scientific community? For this, we conducted a systematic literature review using content analysis in order to select and analyze our sample (24 articles). The results show that the CC emerged in 2020 as a topic for scientific interest. Additionally, Brazil and the USA are the countries that produce most of the research output on this topic, with 8 articles each. Data show that most works (54%) do not have Specific Cancel Events (EVC) as objects of analysis and as a result present a more theoretical approach. The USA, Canada and Brazil (33%) are the main stages of specific cancel events. Public figures are the most studied kind of target (28%). Twitter appears as the main platform for data collection (28%).

KEYWORDS: Cancel Culture. Systematic Literature Review. Social Networks. Content Analysis.

RESUMEN

En este artículo, nos proponemos responder a la siguiente pregunta de investigación: ¿Cómo ha sido investigada la Cultura de la Cancelación (CC) en las redes sociales digitales por la comunidad académico-científica, dentro de las ciencias humanas? Se realizó una revisión sistemática de la literatura, combinada con análisis de contenido, en 24 artículos. Los resultados muestran que la CC comenzó a ser estudiada a partir de 2020 y que Brasil y EE.UU. son los que más producen investigaciones sobre este tema, con 8 artículos cada. Los datos muestran que la mayoría de los trabajos (54%) no tienen Eventos Específicos de Cancelación (EVC) como corpus y, por lo tanto, tienen un enfoque más teórico. EE.UU., Canadá y Brasil (33%) son los principales escenarios de los eventos específicos de cancelación. Las figuras públicas son las más estudiadas (28%). Twitter apareció como la principal plataforma de fuente de datos (28%).

PALABRAS CLAVE: Cultura de la Cancelación. Revisión Sistemática de la Literatura. Redes Sociales. Análisis de Contenido.

INTRODUÇÃO

A Cultura do Cancelamento parece surgir como um fenômeno que vem corrigir comportamentos socialmente inaceitáveis. Apesar da aparente intenção de fazer justiça, muitos discordam que a Cultura do Cancelamento é um caminho frutífero para eliminar barreiras separatistas entre diferentes grupos de pessoas. Diante dessa nova prática

sociocultural, este trabalho¹ se propõe a responder a seguinte questão de pesquisa: como a Cultura do Cancelamento vem sendo pesquisada pela comunidade acadêmico-científica, nas Ciências Humanas?

Para isso, foi realizada uma revisão sistemática de literatura combinada com análise de conteúdo. Buscamos entender a cronologia de estudos sobre o tema, bem como os focos territoriais das produções. Além disso, consideramos importante destrinchar os objetos de estudos, levando em consideração quais são os principais perfis daqueles que são cancelados e quais plataformas foram utilizadas para extração e análise de dados. Este artigo está dividido em 3 principais seções: (1) uma teórica, que debate a temática da Cultura do Cancelamento, com base na literatura que configura o estado da arte aqui apresentado; (2) uma seção que explica detalhadamente a metodologia empregada; e (3) a apresentação dos resultados obtidos. Ao final, indicamos algumas limitações do trabalho e sugerimos novos caminhos que possam ser adotados por pesquisas subsequentes.

CULTURA DO CANCELAMENTO: UMA BREVE INTRODUÇÃO SOBRE O TEMA

Em 1991, um personagem mafioso protagonista de um filme americano² expressava sua vontade de “cancelar” sua namorada (ROMANO, 2020). Em 2010, o rapper Lil Wayne resgatava o referido filme e o termo *cancel*, em sua música *I'm single*³ (*ibidem*, 2020). Em 2014, a expressão ganhou um tom cômico durante um *reality show* americano⁴ e, logo em seguida, apareceu em inúmeras publicações no Twitter, com pessoas fazendo piadas utilizando o verbo cancelar (*ibidem* 2020). Mas parece que foi a partir de 2015, com o

¹ Agradecemos à Funcap (Concessão PS1-00186-00177.01.00/21) pelo financiamento desta pesquisa.

² Filme *New Jack City*, no qual o personagem gangster Nino Brown (interpretado por Wesley Snipes) afirma “Cancel that bitch. I’ll buy another one”, depois que sua namorada termina com ele.

³ Um trecho da música diz: “Yeah, I’m single / n***a had to cancel that bitch like Nino.”

⁴ No programa *Love and hip-hop: New York*, do canal VH1, quando um dos membros afirma durante uma briga “You’re canceled”.

movimento *Black Twitter*⁵, que a Cultura do Cancelamento ganhou robustez (CLARK, 2020). Provavelmente, o estopim para o uso do termo pelo *Black Twitter* foi o episódio em que um policial norte americano atirou e matou o jovem negro Michael Brown, de 18 anos, em agosto de 2014 (RAMSEY, 2015). Na época, o movimento expôs, no Twitter, sua indignação com a morte do garoto, que poderia ter sido evitada com uma conduta menos violenta da polícia, a qual teve seu comportamento ligado ao racismo estrutural (*ibidem*, 2015). Em 2019, o termo *Cultura do Cancelamento* foi escolhido como palavra do ano pelo comitê do Macquarie Dictionary. Apesar da cronologia e massificação do uso da expressão Cultura do Cancelamento ainda ser nebulosa, é interessante observar que ela sempre foi empregada para banir e punir alguém.

Essa prática sociocultural possui aspectos contemporâneos que se alicerçam nas dinâmicas virtuais de convívio. Parece estranho, entretanto, dizer que uma nova cultura de exposição e julgamento surgiu em pleno século XXI, considerando que, historicamente, sociedades ao redor do mundo já apresentaram diferentes formas de constrangimento público. Não faz muito tempo que professores, disciplinas e livros foram “cancelados” na Universidade de Stanford, em 1987. O movimento reuniu mais de 500 alunos que, segundo Wolf, marcharam contra conteúdos de natureza “eurocêntrica, predominantemente branca e masculina, associada não apenas à falta de diversidade, mas também aos horrores das práticas colonialistas, escravistas e imperialistas do passado ocidental” (2020, p.18).

Claramente, o ostracismo faz parte dos primórdios da raça humana. Entretanto, de alguns anos pra cá essa prática vem apresentando uma nova configuração, graças à internet. Através das redes sociais digitais, usuários são capazes de coordenar e organizar movimentos de grandes proporções, que ultrapassam fronteiras territoriais (BLITVICH, 2022). Segundo Ronson (2018), fenômenos como esses configuram o que o autor chama de “renascimento da humilhação pública” (p.14). É através do universo cibernético que nasce uma ferramenta de democratização da justiça, que dá espaço e visibilidade para vozes até então silenciadas.

⁵ Resumidamente, uma rede (ou comunidade) de usuários pretos americanos formada para combater casos de racismo nos Estados Unidos (CLARK, 2020).

A rapidez da internet e a comunicação sem fronteiras são os ingredientes potencializadores ao alcance do constrangimento público (RONSON, 2018). Como resultado dessa receita, temos, então, a recém-nomeada Cultura do Cancelamento.

Mas como podemos definir a Cultura do Cancelamento? Essa discussão, sem sombra de dúvida, poderia ser pauta de um estudo dedicado apenas a isso. Porém, é possível estabelecer uma síntese das características que são comumente citadas na literatura, além da importância do ciberespaço. Para levantarmos parte dos fatores relacionados à Cultura do Cancelamento, podemos partir da seguinte definição:

Atitudes dentro de uma comunidade que exigem ou provocam a retirada de apoio de uma figura pública, como cancelamento de um papel de um ator, banir a reprodução musical de um artista, a remoção das redes sociais etc., geralmente em resposta a uma acusação de uma ação ou comentário socialmente inaceitável. (MACQUARIE DICTIONARY, 2019, tradução nossa).⁶

Com base nos artigos coletados como amostra do estado da arte aqui estudado, além de outros conteúdos sobre a temática, indicaremos, a seguir, os pontos frequentemente colocados por autores que discutem a Cultura do Cancelamento.

O “CANCELADO”

Geralmente, é uma figura poderosa que foi publicamente exposta e julgada, nas redes sociais, por muitos usuários que desaprovam determinada conduta desse indivíduo (TANDOC JR., 2022). O “cancelado” pode ser uma figura pública, um político, uma empresa, uma marca, uma produção cultural, um grupo de pessoas etc. (SAINT-LOUIS, 2021). Há autores que, inclusive, indicam que o “cancelado” pode sim ser um indivíduo desconhecido publicamente (com baixo capital social), ou seja, um cidadão comum (BLITVICH, 2022).

⁶ No original: “The attitudes within a community which call for or bring about the withdrawal of support from a public figure, such as cancellation of an acting role, a ban on playing an artist's music, removal from social media, etc., usually in response to an accusation of a socially unacceptable action or comment.” (MACQUARIE DICTIONARY, 2019).

O MOTIVO (RAZÃO OU CAUSA)

Trata-se do comportamento do “cancelado”. Tem relação com uma fala ou uma ação considerada socialmente condenável (BOUVIER, 2020). O “cancelado” é apontado por afetar negativamente “tópicos controversos, sensíveis e polarizadores, como aqueles relativos a questões de sexo e sexualidade, identidade de gênero e sexismo, racismo e identidades étnicas ou religiosas” (NORRIS, 2021). O motivo serve como gatilho para despertar usuários a defenderem sua causa e, conseqüentemente, solicitarem o cancelamento do indivíduo ou instituição que a atacou.

OS “CANCELADORES”

São aqueles que, prontamente, se unem para demonstrar sua insatisfação com o sujeito “cancelado”. Através de publicações, *tweets*, comentários em postagens, compartilhamentos, *likes* e similares, um grande número de pessoas confrontam o “cancelado” publicamente, pois não concordam com sua atitude (RUFINO & SEGURADO, 2022). É através da vigilância virtual que grupos identitários se organizam para impedir a perpetuação de atitudes inaceitáveis. O sentimento de pertencimento recíproco gera estímulos ao surgimento do “júri virtual”, que será responsável por sacramentar a “pena” que o “cancelado” merece (ORLANDI & GARCIA, 2022). Os “canceladores” são, portanto, aqueles que executam o linchamento virtual, ligados pela homogeneidade de posicionamentos sociais e valores pessoais – e determinados a eliminar condutas que vão contra seus princípios.

A PENALIDADE

Faz referência ao conjunto de solicitações e ações que os “canceladores” levantam para corrigir o impacto causado pelo “cancelado”. Essa penalidade pode surgir de diferentes formas: perda de patrocínios, seguidores, compradores, credibilidade e outras (NG, 2020). O

objetivo é responsabilizar o “cancelado” pela sua conduta, através de um preço a ser pago (RUFINO & SEGURADO, 2022). Entretanto, nem sempre essas penalidades se concretizam (DOUTHAT, 2020). Além disso, esses pedidos podem vir acompanhados de uma linguagem impolida, com a intenção de ofender o “cancelado”. Já foi possível constatar, inclusive, ameaças à segurança de indivíduos cancelados ou de pessoas próximas a eles (*ibidem*, 2022). Porém, vale dizer que ser, apenas, insultado ou questionado não é suficiente para formalizar uma punição de Cultura do Cancelamento, ou seja, devem existir explicitamente solicitações que buscam prejudicar e/ou corrigir o “cancelado” – mesmo que seja, simplesmente, um pedido público de retratação (*ibidem*, 2020).

O EVENTO DE CANCELAMENTO

Nada mais é que a junção dos fatores acima mencionados em um caso específico. Exemplos de Eventos de Cancelamento: o cancelamento da artista Karol Conká (RUFINO & SEGURADO, 2021), do artista Steven Patrick Morrissey (SÁ & ALBERTO, 2021), do jogador de *hockey* Brendan Leipsic (SAILOFSKY, 2021), das séries de televisão *Girls* e *The 100* (ANDERSON-LOPEZ, LAMBERT & BUDAJ, 2021), da escritora J.K. Rowling (MELO & VASQUES, 2021), do operário Emmanuel Cafferty (*ibidem*, 2021), de mulheres conhecidas por *Karens*⁷ (SAINT-LOUIS, 2021) etc. O Evento de Cancelamento é configurado pela conduta socialmente condenável de um indivíduo (“cancelado”), que gerou motivos suficientes para comover multidões (“canceladores”), na internet, que buscam reparar o dano cometido através de solicitações e ações punitivas.

A Cultura do Cancelamento, então, é representada pela frequência de Eventos de Cancelamentos, que são cada vez mais comuns nos dias atuais e que juntos simbolizam uma prática sociocultural.

⁷ *Karen* é “um rótulo usado para nomear uma mulher branca cuja interação com um afro-americano era considerada racista, injustificada e prejudicial a este último” (SAINT-LOUIS, 2021, p. 8).

METODOLOGIA

A sucinta análise apresentada na seção anterior foi possível graças à amostra levantada pela metodologia aqui explicitada. O presente estudo se propôs a fazer uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) combinada com Análise de Conteúdo (AC). Esta relação é proposta por Lycarião, Roque e Costa (no prelo), com o objetivo de garantir confiabilidade à RSL. Dessa forma, a incorporação dos princípios da análise de conteúdo categorial muito tem a contribuir para incrementar a replicabilidade e a confiabilidade das RSLs (SAMPAIO & LYCARIÃO, 2021; WILSON, 2009).

Além disso, compreendemos a importância da transparência no meio acadêmico, já que essa é condição fundamental para assegurar o princípio de replicabilidade (GUSENBAUER & HADDAWAY, 2020). Ou seja, graças à possibilidade de acessar materiais e conteúdos utilizados em cada pesquisa, acadêmicos e pesquisadores podem replicar e revisar estudos. Em complemento, defendemos e apoiamos a influência da pauta da Ciência Aberta na democratização, participação e justiça social na construção de conhecimento (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Elencados os fundamentos básicos que regem essa pesquisa, aprofundaremos, então, quais foram os procedimentos adotados nesta RSL, separados em duas etapas.

PRIMEIRA ETAPA

A fim de discutir o estado da arte da Cultura do Cancelamento, foram elencados três sistemas de busca para pesquisar artigos científicos sobre o tema: Scopus, Web of Science (WoS) e Bielefeld Academic Search Engine (BASE). Essa decisão foi tomada a partir da contribuição de Gusenbauer e Haddaway (2020), que avaliaram um total de 28 sistemas de buscas sob a análise de 27 critérios, que contemplam os três princípios fundamentais para uma RSL: relevância, transparência e replicabilidade. As três plataformas que escolhemos fazem parte do grupo dos 14 principais sistemas a serem utilizados para RSLs (GUSENBAUER & HADDAWAY, 2020).

Nossas buscas abordaram três versões de idiomas: Cultura do Cancelamento (português), Cancel Culture (inglês) e Cultura de la Cancelación (espanhol). Decidimos adotar esse caminho para, ao final, termos uma visão mais ampla da literatura sobre o tema – já que, em nossos pré-testes, foi constatado que este tópico ainda é pouco estudado pela comunidade acadêmica. Os termos foram utilizados, principalmente, nos campos de Título do Artigo, Resumo e Palavras-chave. Outra medida tomada para ampliar nossos resultados foi não especificar um período exato para publicações científicas. Entretanto, foram impostas limitações a respeito do tipo de publicação e campo de conhecimento: contemplamos, exclusivamente, artigos científicos relacionados às áreas de Sociologia, Comunicação, Ciências Políticas e Psicologia.

Base	Resultados
Scopus ⁸	35
Web of Science (WoS) ⁹	23
Bielefeld Academic Search Engine (BASE) ¹⁰	97
Total	155

Tabela 1 – Resultados obtidos através das bases utilizadas. Fonte: autoria própria, 2022.

A primeira etapa de análise de conteúdo categorial foi realizada com os resultados obtidos nas buscas (n=155). O objetivo, nessa fase, foi eliminar resultados que, porventura, não abordassem a Cultura do Cancelamento como foco de discussão. Para isso, dois codificadores analisaram cada um dos resultados, respeitando critérios de inclusão e exclusão, apresentados na Tabela 2. Além disso, vale citar que este procedimento respeitou as orientações propostas por Sampaio & Lycarião (2021), com constantes revisões do livro

⁸ <https://scopus.com/>. Acessado em 07 de Maio de 2022.

⁹ <https://webofscience.com/>. Acessado em 07 de Maio de 2022.

¹⁰ <https://base-search.net/>. Acessado em 07 de Maio de 2022.

de códigos e discussões entre os codificadores, além de pré-testes, para, assim, estabelecer um protocolo de codificação esclarecedor e conciso.

Crítérios de Inclusão	Crítérios de Exclusão
<ul style="list-style-type: none">● Artigo científico revisado por pares;● O idioma do artigo: Inglês, Português ou Espanhol;● Tem relação com os contextos de Comunicação e Ciências Sociais;● Tem como foco o debate sobre Cultura do Cancelamento, podendo (ou não) dialogar sobre algum fato específico;● Elenca as redes sociais digitais como palco da Cultura do Cancelamento.	<ul style="list-style-type: none">● Não é um artigo científico;● Pertence a áreas de estudos que não interessam essa RSL, como Direito, Administração, Medicina etc.;● O idioma original do artigo não é Inglês, Português ou Espanhol;● O campo de título e/ou assunto está vazio;● O artigo ainda não foi devidamente publicado (exemplo: <i>pré-prints</i>);● O foco do artigo não é discorrer sobre Cultura do Cancelamento e/ou eventos que retratam essa prática sociocultural;● As redes sociais digitais não fazem parte do contexto discutido.

Tabela 2 – Crítérios de inclusão e exclusão. Fonte: autoria própria, 2022.

Após a codificação final, os resultados foram submetidos a um teste de confiabilidade. O índice utilizado foi o *alpha* de Krippendorff – sugerido por Hayes e Krippendorff (2007) –, o qual tivemos 0,819 como resultado através da ferramenta ReCal (FREELON, 2010). O valor obtido no índice indica que a codificação pode ser considerada suficientemente confiável (SAMPAIO & LYCARIÃO, 2021).

Por fim, dos 155 resultados, apenas 29 deles foram incluídos como amostra a ser analisada na segunda etapa. Entretanto, não foi possível conseguir acesso a três artigos desse grupo, o que modificou a amostra para n=26.

SEGUNDA ETAPA

Antes de explicar os procedimentos metodológicos adotados nessa fase, é importante dizer que, no decorrer de leituras iniciais e pré-testes, foi constatado que 2 resultados da amostra (n=26) tiveram que ser excluídos, pois representavam falsos positivos. Um deles configurava uma matéria jornalística e o outro era um trabalho apresentado em congresso. Por fim, a amostra final analisada nesta etapa foi de 24 artigos.

Os trabalhos aqui incluídos passaram por mais uma análise de conteúdo categorial, sendo que foram 17 variáveis informativas – como Título, Resumo, Ano de Publicação, País da Afiliação do(a) Autor(a) Principal, Idioma do Artigo e outras – e 5 variáveis analíticas com critérios estabelecidos no livro de códigos, sendo elas: (a) Metodologia; (b) Quantidade de Eventos de Cancelamento estudados; (c) País(es) do(s) evento(s) estudado(s); (d) Tipo(s) de sujeito(s) do(s) Evento(s) de Cancelamento estudado(s); e (e) Plataforma(s) estudada(s); estas últimas passaram por um processo de codificação, com direito a teste de confiabilidade. O procedimento de codificação dessas variáveis analíticas pode ser resumido da seguinte forma:

- Um codificador realizou a codificação das 5 variáveis em toda a amostra (n=24);
- Em seguida, os respectivos autores (preferivelmente, os principais) de cada artigo foram notificados através de um e-mail padrão para validar a análise realizada pelo codificador;
- Aqueles autores que responderam (n=11) tiveram a liberdade de concordar ou discordar da codificação. Neste último caso, foi solicitado que fosse adicionado o trecho do artigo em que constatava a discordância com a codificação inicial;
- Quando necessário, a codificação dos artigos que obtivemos retorno dos autores foi modificada, respeitando a discussão estabelecida e concluída com cada um deles;
- Os artigos que não obtivemos retorno dos autores (n=13) foram codificados por outro codificador da equipe. As discordâncias foram resolvidas e deliberadas em reunião.

Para verificar detalhadamente os procedimentos aqui explicados, disponibilizamos os seguintes materiais:

- Livro de Códigos:
<https://figshare.com/s/247f5dafaf3e7e31c2dc>
- Planilha de resultados de seleção da amostra (n=155):
<https://figshare.com/s/6e5cfec6919ae7a0f048>
- Planilha de análise da amostra final (n=24):
<https://figshare.com/s/f360299efa635b85a6ce>
- Modelo padronizado de e-mail para contato com os autores:
<https://figshare.com/s/e7422c9e052f243a03ae>

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para responder à pergunta proposta neste estudo, é importante termos uma visão cronológica do debate sobre o tema. Os dados indicam que a Cultura do Cancelamento vem sendo estudada desde 2020. Levando em consideração que nossas buscas não tiveram um marco temporal, é possível afirmar, então, que o fenômeno, pelo menos com essa configuração nominal, começou a receber atenção de pesquisadores há pouco tempo. Ainda é interessante lembrar que o termo Cultura do Cancelamento vem ganhando espaço na mídia nos últimos anos, principalmente a partir de movimentos como *#BlackLivesMatter* e *#MeToo* (BLITVICH, 2022; MUELLER, 2021). Além disso, o termo *Cultura do Cancelamento* foi escolhido como palavra do ano de 2019 pelo comitê do Macquarie Dictionary (2019), mais um indício da recente discussão sobre o assunto. Portanto, o debate na esfera pública deve ter influenciado o recente – e, talvez, embrionário – fomento da pesquisa científica sobre a Cultura do Cancelamento.

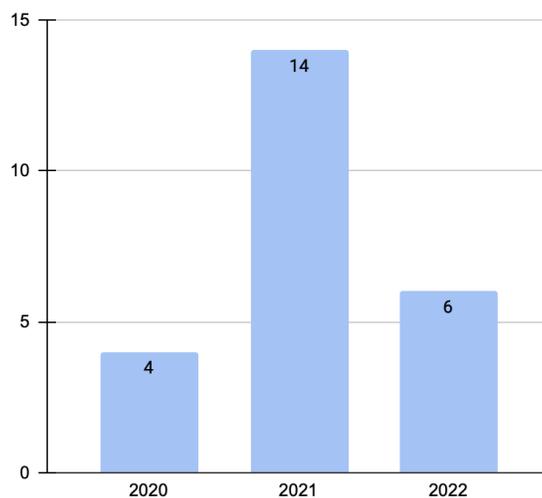


Gráfico I – Quantidade de artigos sobre Cultura do Cancelamento ao decorrer dos anos.
Fonte: autoria própria, 2022.

Ao verificarmos dados dos autores principais, constatamos que o Brasil e os EUA representam, juntos, 67% da origem das afiliações. Isso indica que esses dois países são os que mais estudaram, até então, a Cultura do Cancelamento. Não é possível afirmar, entretanto, se esse dado tem relação com uma hipotética presença elevada do fenômeno nesses países.

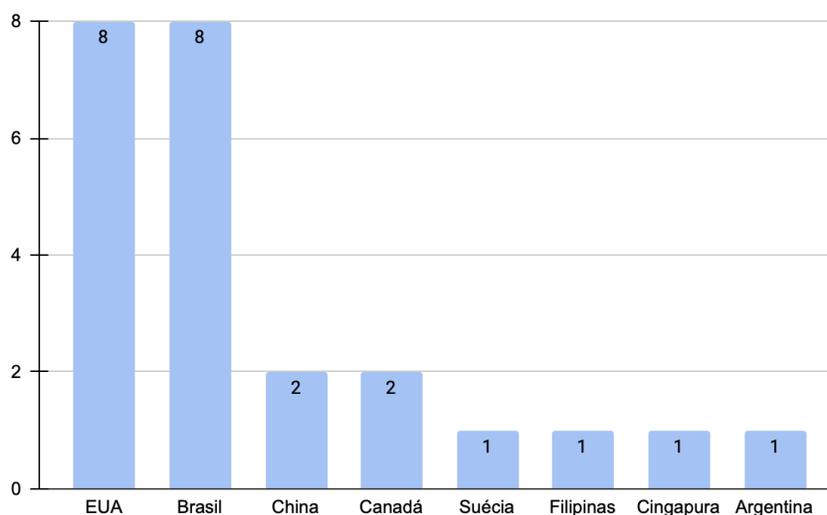


Gráfico II – Quantidade de artigos x Países das afiliações dos autores principais. Fonte: autoria própria, 2022.

Para alcançar nosso objetivo de obter uma perspectiva internacional do estado da arte, analisamos também os idiomas dos artigos. Apesar de fazermos nossa busca em três linguagens, o espanhol é o que possui menos presença, com apenas 1 artigo (3%). O inglês se destaca com 16 estudos (67%), seguido do português com 7 (30%).

Sobre as metodologias utilizadas nesses estudos, é possível observar uma diversidade de procedimentos metodológicos. Apesar de 7 artigos (22%) não deixarem claro a metodologia aplicada ou não serem um trabalho empírico-experimental, os demais 16 artigos possuem uma ou mais técnicas de análise. *Survey* e Análises Estatísticas somam 26% dos trabalhos (n=8). Análise do Discurso, Análise de Conteúdo e Estudo de Caso aparecem em pelo menos 3 artigos cada. Entrevistas e Pesquisas Exploratórias são métodos menos usados, com 2 artigos cada. A categoria Outras abrange um estudo com Netnografia, um com Análise de Redes, outro que utiliza *Notion of Expressive Coherence* e, por último, uma Pesquisa Bibliográfica.

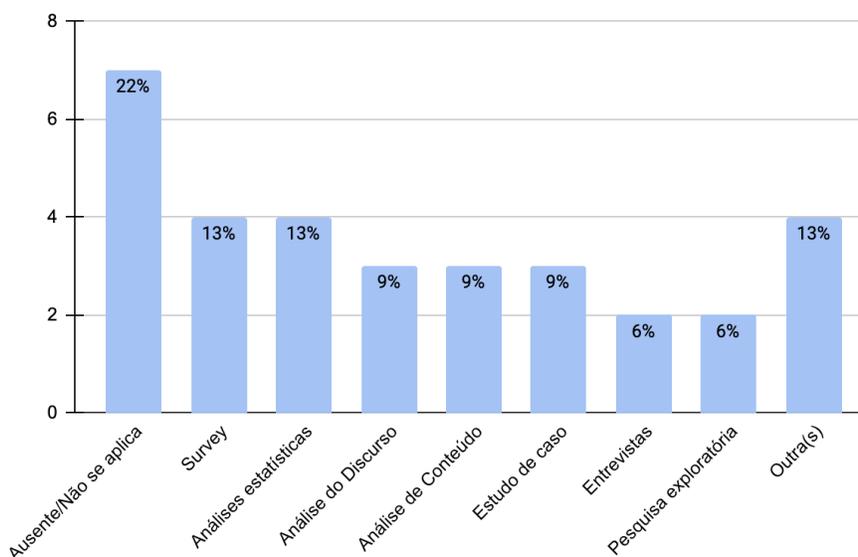


Gráfico III – Metodologias usadas nos artigos. Fonte: autoria própria, 2022.

Três variáveis foram empregadas para entender se os trabalhos se aprofundaram em Eventos de Cancelamento. O que constatamos é que a maioria (54%) faz uma análise conceitual da Cultura do Cancelamento, muitas vezes problematizando sobre o impacto desse fenômeno na sociedade. Esses estudos não possuem um Evento de Cancelamento como delimitação da pesquisa (n=13), ou seja, não dissertam sobre nenhum ato sofrido por, por exemplo, pessoas públicas. Entretanto, os 11 artigos restantes (46%) possuem pelo menos um Evento de Cancelamento como objeto de pesquisa, sendo que, destes, 2 artigos estudaram dois Eventos de Cancelamento, enquanto outros 2 tiveram três ou mais eventos.

A partir daí, elencamos quais países foram mais estudados. Como pelo menos 13 artigos (54%) não possuem nenhum caso como delimitação de pesquisa, podemos concluir que estes, conseqüentemente, também não apresentam países que se relacionam com determinados cancelamentos. Outros 3 artigos (12%), apesar de possuírem um Evento de Cancelamento como objeto, não deixam claro se houve um foco territorial no estudo. Um dos artigos, por exemplo, estuda 2 Eventos de Cancelamento, sendo um com amplitude internacional e outro com foco nos EUA (MELO & VASQUES, 2021). São, portanto, 8

artigos (33%) que especificam um ou mais países como panorama do(s) episódio(s) estudado(s). Os EUA surgem em 15% dos artigos (n=4); o Canadá vem em seguida em 11% dos trabalhos (n=3); o Brasil com 7% (n=2); e, por fim, Cingapura e Filipinas com um artigo cada.

Ainda sobre os Eventos de Cancelamento estudados, procuramos categorizar quais foram os tipos de indivíduos observados nesses respectivos acontecimentos. Por mais que, como exposto anteriormente, 13 artigos não contemplem nenhum caso de cancelamento específico, um desses tem como foco episódios aleatórios contra o grupo de indivíduos denominado *Karens* (SAINT-LOUIS, 2021) – que foi somado à categoria Organização. Por fim, o tipo de indivíduo mais estudado foram as Figuras Públicas (n=7), seguido das Figuras Não-públicas (n=4) e, por último, as Organizações (n=2). Figuras políticas sequer aparecem na amostra coletada, o que pode indicar uma carência de estudo sobre esses indivíduos com relação à Cultura do Cancelamento. Porém, é comum verificar nomes de políticos em muitos desses estudos, ao exemplificar Eventos de Cancelamento, mas sem o devido aprofundamento.

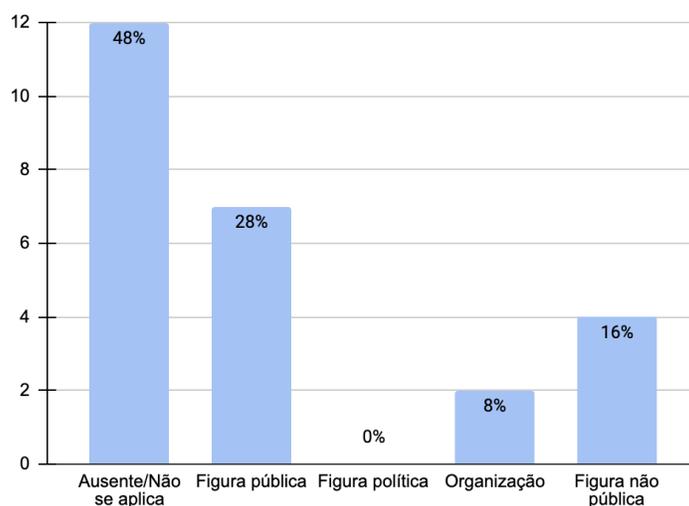


Gráfico IV - Tipos de indivíduos estudados. Fonte: autoria própria, 2022.

Como a Cultura do Cancelamento tem direta relação de causalidade nas redes sociais digitais (BLITVICH, 2022; TANDOC JR., 2022), elencamos quais foram as plataformas indicadas como parte do estudo. A intenção aqui foi verificar se redes sociais digitais serviram de fonte de dados para as análises. A mera citação da plataforma, sem relação explícita com a metodologia do trabalho, não foi contabilizada nesta variável. Ou seja, o trabalho deveria deixar claro de onde os dados foram coletados (plataforma), que tipo de dados foram esses e como se aplicou a análise. Do total da amostra, 16 artigos não se aprofundaram em nenhuma rede social digital. Os resultados dessa variável podem ser observados no Gráfico V.

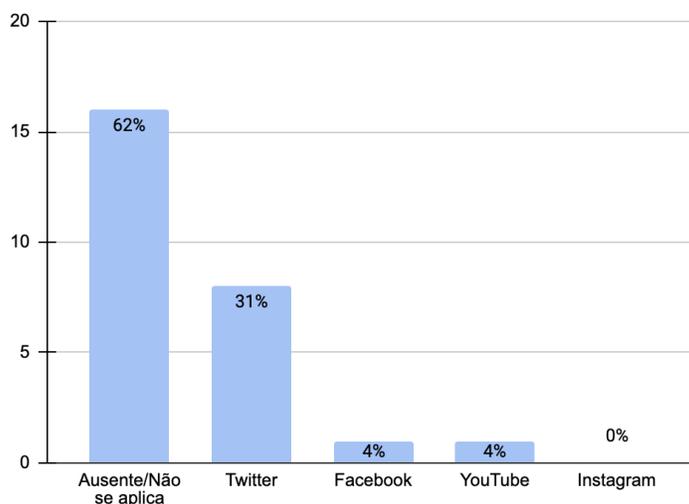


Gráfico V - Plataformas estudadas. Fonte: autoria própria, 2022.

O Twitter é o mais estudado pelos pesquisadores de Cultura de Cancelamento. Talvez esse fato esteja relacionado às políticas de extração de dados da rede social, que muito beneficia a coleta de informações para estudos acadêmicos.

CONCLUSÃO

Este artigo buscou responder à seguinte pergunta: como a Cultura do Cancelamento nas redes sociais digitais vem sendo pesquisada pela comunidade acadêmico-científica dentro das Ciências Humanas? Para isso, foi importante o levantamento do estado da arte sobre Cultura do Cancelamento, através da combinação das metodologias de revisão sistemática de literatura e de análise de conteúdo (LYCARIÃO, ROQUE & COSTA, submetido à publicação).

Os dados indicam que o tema ainda é pouco explorado pela comunidade acadêmica, o que já era esperado, considerando que a Cultura do Cancelamento é um fenômeno recente e de difícil compreensão.

Uma amostra de 24 artigos foi analisada rigorosamente, com, inclusive, colaboração dos próprios autores (n=11). Os resultados apontam que os estudos de Cultura de Cancelamento possuem, em parte (22%), ausência de informações metodológicas. Entretanto, a grande maioria (78%) possui uma ou mais técnicas metodológicas – com destaque para *Survey* e Análises Estatísticas. Além disso, por terem uma abordagem mais teórica (54%), a maioria deles não possui, de forma explícita, objetos de estudo. Ou seja, não fazem uma análise, mesmo que experimental, de Eventos de Cancelamento que testem os conceitos e teorias levantadas. Naqueles estudos que possuem pelo menos um Evento de Cancelamento como foco, as Figuras Públicas são as mais estudadas na amostra total (28%), seguido das Figuras Não-públicas (16%). O Twitter é a plataforma preferida dos estudos sobre Cultura do Cancelamento, servindo de fonte de dados em 31% da amostra. Porém, 62% dos trabalhos não se aprofundaram em dados de redes sociais digitais. E, apesar de os EUA e o Brasil contemplarem a maioria das afiliações dos autores principais (com 8 artigos cada), os EUA e o Canadá são os que mais aparecem como palco dos Eventos de Cancelamento estudados (4 e 3 artigos, respectivamente).

Embora não seja intenção deste artigo fazer uma delimitação teórica sobre a Cultura do Cancelamento, foi possível levantar as principais características desse fenômeno. Contudo, tal interesse pode ser constatado na maioria dos artigos da amostra aqui estudada.

Esse é um tema que por ter um número muito limitado de trabalhos pode ser explorado com mais profundidade em futuras pesquisas. É interessante sugerir, ainda, que novas revisões sistemáticas de literatura sejam feitas ano após ano, visto que este estudo recolheu pesquisas até maio de 2022. É esperado, então, que o número de publicações sobre o tema cresça cada vez mais, a fim de responder aos inúmeros questionamentos que cercam o tema. Além disso, essa prática sociocultural pode se apresentar com outras nomenclaturas, que não foram contempladas neste trabalho e que poderiam ser analisadas em estudos futuros. Ademais, outras pesquisas podem ajudar a resolver limitações deste artigo, tais como: abordar outros idiomas, ter uma amostra que busque também por teses, dissertações e livros, e aumentar o número de bases de indexação consideradas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON-LOPEZ, J.; LAMBERT, R. J.; BUDAJ, A. Tug of War: social media, cancel culture, and diversity for girls and the 100. **Kome**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 64-84, 2021.

BLITVICH, P. G. Moral emotions, good moral panics, social regulation, and online public shaming. **Language & Communication**, [S.L.], v. 84, p. 61-75, 2022.

BOUVIER, G. Racist call-outs and cancel culture on Twitter: the limitations of the platforms ability to define issues of social justice. **Discourse, Context & Media**, [S.L.], v. 38, 2020.

CLARK, M. D. DRAG THEM: a brief etymology of so-called cancel culture. **Communication and the Public**, [S.L.], v. 5, n. 3-4, p. 88-92, 2020.

DOUTHAT, R. 10 Theses about Cancel Culture. **The New York Times**, 14 jul. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/07/14/opinion/cancel-culture-.html>. Acesso em: 6 ago. 2022.

FREELON, D. ReCal: Intercoder reliability calculation as a web service. **International Journal of Internet Science**, v. 5, n. 1, p. 20-33, 2010.

GUSENBAUER, M.; HADDAWAY, N. R. Which academic search systems are suitable for systematic reviews or meta analyses? Evaluating retrieval qualities of Google Scholar, PubMed, and 26 other resources. **Research Synthesis Methods**, v. 11, n. 2, p.181-217, 2020.

HAYES, A. F.; KRIPPENDORFF, K. Answering the call for a standard reliability measure for coding data. **Communication Methods and Measures**, v. 1, n. 1, p. 77-89, 2007.

LYCARIÃO, D.; ROQUE, R.; COSTA, D. Revisão Sistemática de Literatura (RSL) e Análise de Conteúdo (AC) na Área na Comunicação e Informação: o problema da confiabilidade e como resolvê-lo. **Transinformação** (no prelo)

MACQUARIE DICTIONARY. **The Committee's Choice & People's Choice Word of the Year 2019**, 09 dez. 2019. Disponível em: <https://www.macquariedictionary.com.au/resources/view/word/of/the/year/2019>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MELO, T. M. P. C.; VASQUES, E. G. Cultura do cancelamento: primeiras aproximações. **Revista del Área de Ciencias Sociales del CIFFyH**, [S.L.], v. 8, 2021.

MUELLER, T. S. Blame, then shame? Psychological predictors in cancel culture behavior. **The Social Science Journal**, [S.L.], p. 1-14, 2021.

NG, E. No Grand Pronouncements Here...: reflections on cancel culture and digital media participation. **Television & New Media**, [S.L.], v. 21, n. 6, p. 621-627, 2020.

NORRIS, P. Cancel Culture: myth or reality?. **Political Studies**, [S.L.], 2021.

OLIVEIRA, T. M.; MARQUES, F. P. J.; LEÃO, A. V.; ALBUQUERQUE, A.; PRADO, J. L. A.; GROHMANN, R.; CLINIO, A.; COGO, D.; GUAZINA, L. S. Towards an inclusive agenda of open science for communication research: a latin american approach. **Journal of communication**, [S.L.], p. 1-18, 2021.

RAMSEY, D. X. The Truth about Black Twitter. **The Atlantic**, 10, abr. 2015. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2015/04/the-truth-about-black-twitter/390120/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

ROMANO, A. Why we can't stop fighting about cancel culture. **Vox**, 25, ago. 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/2019/12/30/20879720/what-is-cancel-culture-explained-history-debate>. Acesso em: 28 jul. 2022.

RONSON, Jon. **Humilhado: como a era da internet mudou o julgamento público**. Tradução de Mariana Kohnert. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

RUFINO, M.; SEGURADO, R. Cultura do cancelamento: uma análise de Karol Conká no BBB 21. **PragMATIZES - Latin american journal of cultural studies**, Niterói/RJ, v. 12, n. 22, p. 616-640, 2022.

SÁ, S. P.; ALBERTO, T. P. Bigmouth Strikes Again: the controversies of morrissey and cancel culture. **American behavioral scientist**, [S.L.], v. 66, n. 8, p. 1091-1105, 2021.

SAILOFSKY, D. Masculinity, cancel culture and woke capitalism: exploring twitter response to brendan leipsic 's leaked conversation. **International review for the sociology of sport**, [S.L.], v. 57, n. 5, p. 734-757, 2021.

SAMPAIO, C. R.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SAINT-LOUIS, H. Understanding cancel culture: normative and unequal sanctioning. **First Monday**, [S.L.], v. 7, n. 26, 2021.

TANDOC, E. C.; RU, B. T. H.; HUEI, G. L.; CHARLYN, N. M. Q.; CHUA, R. A.; GOH, Z. H. #CancelCulture: examining definitions and motivations. **New media & society**, [S.L.], 2022.

WILSON, D. B. Systematic Coding In: COOPER H; HEDGES, LV; VALENTINE, JC. **The handbook of research synthesis and meta-analysis** 2nd edition. Ed. Russell Sage Foundation, 2009, p. 159-176.

WOLF, E. O ground zero do cancelamento. Dossiê - Cultura do cancelamento, cancelamento da cultura. **Revista Cult**, São Paulo, v. 258, p. 18-21, 2020.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

LYCARIÃO, Diogenes; CALDAS, Wania; MANCOSO, Kaique. Cultura do Cancelamento, Cancel Culture e Cultura de la Cancelación: o estado da arte nas ciências humanas. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 19, pp. 57-77, 2023.